

PRÁTICAS E PROCESSOS DE MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA EM EAD

SÃO LEOPOLDO 05/2009

Suzana Cini Freitas Nicolodi
Universidade do Vale do Rio dos Sinos; suzanacfn@yahoo.com.br

Eliane Schlemmer
Universidade do Vale do Rio dos Sinos; elianes@unisin.br

Categoria(F)

Setor Educacional (3)

Natureza do Trabalho (B)

Classe (1)

RESUMO

Nos tempos atuais, o interesse por cursos de formação na modalidade a distância tem crescido consideravelmente e, da mesma forma, a oferta destes cursos por diversas instituições de ensino tanto nacionais quanto estrangeiras. No âmbito da formação de professores, no que se refere a cursos de licenciatura em Pedagogia a realidade não é diferente, o que nos instiga a investigar que perspectiva de ensinar e aprender estão presentes nessas propostas em EaD? Que dimensão de qualidade apontam? Como são desenvolvidas as práticas e os processos de mediação pedagógica? E ainda, quais os saberes docentes mobilizados na EaD? É no contexto dessas problemáticas que esse artigo apresenta uma reflexão teórica sobre os aspectos acima mencionados e uma proposta de pesquisa, de natureza exploratória e qualitativa, que se propõe a investigar, por meio da metodologia de estudo de caso, universidades que ofereçam o curso de Pedagogia na modalidade a distância. A pesquisa encontra-se, neste momento, na fase de fundamentação teórica, a qual está alicerçada em autores como: Maturana, Moraes, Sousa Santos, Fagundes, entre outros.

Palavras-chave: Educação à Distância, Práticas pedagógicas, Mediação pedagógica, Saberes docentes.

1- Contexto

Atualmente, tem crescido de forma significativa o número de instituições que oferecem processos formativos na modalidade da Educação a Distância, e um dos fatores que tem contribuído para esse crescimento diz respeito a evolução da infra-estrutura de telecomunicações, associada ao avanço no desenvolvimento de diferentes tecnologias digitais, as quais estão se tornando a cada dia mais acessíveis a população. Vinculada a essas questões está a necessidade atual de que o profissional busque cada vez mais se qualificar de forma a não perder espaço no mercado de trabalho. Essa realidade tem como resultado um número cada vez maior de profissionais que buscam uma formação ou atualização através dessa modalidade educacional. Isso tem acontecido de forma expressiva no âmbito dos cursos de graduação em Pedagogia e Licenciaturas que formam os professores para as gerações atuais e futuras. Assim, faz-se necessário olhar para essas propostas formativas em EAD, a fim de identificar as práticas e os processos de mediação pedagógica que são desenvolvidos, para, a partir deles, compreender quais são os saberes docentes mobilizados nesses contextos e que significados os sujeitos em formação estão construindo.

2- Problema de Pesquisa e Questões Mobilizadoras

Partindo do contexto anteriormente explicitado, surge o seguinte problema que impulsionará esse processo investigativo: Como são desenvolvidas as práticas e os processos de mediação pedagógica em contextos formativos na modalidade EaD nos cursos de Licenciatura em Pedagogia?

Para nos auxiliar na busca de elementos que propicie uma melhor compreensão do problema são elencadas as seguintes questões mobilizadoras: Quais são as principais práticas pedagógicas que podem ser observadas em contextos formativos na modalidade de EaD? Como ocorre o processo de mediação pedagógica nesse contexto? Que perspectiva de ensinar e aprender estão presentes nessas propostas em EAD? Que dimensão de qualidade apontam? Quais os saberes docentes mobilizados na EAD? Como os docentes vêm construindo esses saberes na constituição de sua

profissionalidade? Que significados os sujeitos em formação estão construindo?

Para ajudar no processo de investigação do problema e questões acima explicitadas, elegemos o quadro metodológico apresentado a seguir.

3- Possibilidades Metodológicas

Considerando que essa pesquisa é de natureza exploratória e busca compreender o fenômeno a ser investigado a fim de encontrar elementos para melhor explicá-lo, entendemos que apresenta maiores possibilidades na pesquisa de caráter qualitativo. Nesse contexto, acreditamos que o estudo de caso seja uma forma adequada para o seu desenvolvimento. O objetivo é pesquisar pelo menos duas instituições de ensino que ofereçam o curso de Licenciatura em Pedagogia à distância para compreender como são desenvolvidas as práticas e os processos de mediação pedagógica em contextos formativos na modalidade EaD.

Para auxiliar na discussão do problema e questões explicitadas anteriormente, frente aos dados que serão coletados, buscamos alguns elementos teóricos que serão apresentados a seguir.

4- Perspectivas Teóricas

4.1- Saberes Docentes em EaD

Os saberes necessários a docência em EaD vão para além dos saberes mobilizados na docência em contextos presenciais físicos. De acordo com Xavier (2007), o professor de EaD, além dos saberes ditos “comuns” aos professores que desenvolvem práticas presenciais tradicionais, deve também possuir algumas características e especificidades próprias desta modalidade educacional. Esse docente transita pelo paradigma emergente; utiliza diferentes Tecnologias Digitais – TDs com fluência, de forma a potencializar as aprendizagens; concebe o conhecimento como algo em construção, a partir de processos de interação que podem ser provocados num espaço de fluxo; acolhe o pensamento divergente, complexo e flexível; desenvolve um processo comunicacional mediado pelas TDs, aberto; utiliza a linguagem textual, possibilitado pela EaD em maior grau, como forma de organização das práticas e como elemento fundamental na mediação pedagógica responsável; instiga a

discussão e a reflexão a fim de que favoreçam a tomada de consciência e processos metacognitivos.

Uma das principais características que envolve a docência em EaD se refere a possibilidade da atuação docente em qualquer tempo e espaço e em diferentes âmbitos, diferentemente do que ocorre na docência presencial física, onde há um tempo e um espaço definido para ocorrer, no qual nem sempre conseguimos dar conta de uma atuação efetiva. Vinculada a essa característica da docência em EaD surge uma questão bastante polêmica, que se refere a sobrecarga de trabalho que essa modalidade educacional, quando efetivada na plenitude das possibilidades que oferece, resulta ao docente.

Segundo Belloni (2001), para dar conta da nova situação profissional, o professor tem suas funções desdobradas, em que a atualização permanente ocupa papel de destaque.

Valente (2000) indica que para além de apenas dominar a tecnologia e seus recursos, o professor precisa tomar consciência da necessidade da mudança que se faz necessária para a docência em EaD, uma vez que

“(...) o processo de formação deve prover condições para o professor construir o conhecimento sobre as técnicas computacionais, entender porque e como integrar o computador na sua prática pedagógica e ser capaz de superar barreiras de ordem administrativa e pedagógica e, com isso, possibilitar a transição de um sistema fragmentado de ensino para uma abordagem integradora de conteúdo e voltada para a resolução de problemas específicos do interesse de cada aluno” (p.104).

Conforme Peters (2003), não mais se busca o acúmulo de conhecimento, atualmente é mais interessante saber buscar a informação que se necessita, organizá-la, significá-la e transformá-la em conhecimento.

Já se tem o conhecimento de que a aprendizagem acontece de mais de uma maneira, portanto, há de se considerar, pelo menos os que pretendem ensinar, como pensa o aluno? De que maneira desenvolve seu pensamento? Como aprende? Como assimila? Por quais vias? (FAGUNDES, 2006).

Nesta perspectiva a autora compreende que a EaD dispõe de uma infinidade de recursos que, se bem utilizados, podem atender às diferentes formas de aprendizagem, mas alerta para que se tome as devidas precauções

para que não seja apenas a fachada a ser substituída e que a essência permaneça a mesma.

“Uma formação de professores em EaD não será melhor só por ser em EaD. Ela poderá até ser bem pior do que a presencial. Para que seja melhor será preciso conhecer os recursos tecnológicos e tomar decisões transformadoras a partir de novas concepções. Comunicar-se é interagir sistematicamente” (p.76).

Assim, a qualidade do ensino pressupõe um profissional atualizado, ativo e com um saber que o permita exercer com competência a sua função docente.

Para uma educação que objetiva a autonomia, a criticidade e a arte da dúvida, é preciso vivenciar estas posições, pois, para ser capaz de despertar é preciso estar desperto.

4.2- Práticas e Processos de Mediação Pedagógica em EaD

Quando um paradigma perde o seu poder, no sentido de dar conta de explicar a dinâmica do mundo, da sociedade atual, um novo paradigma passa a ser concebido e, assim, toda uma estrutura científica, construída sobre crenças, valores e conceitos precisa ser repensado, com outras bases de sustentação que alicerçarão os novos argumentos.

Segundo Sousa Santos (2004), a humanidade se encontra num momento de transição paradigmática. Embora ainda fortemente marcados pelo paradigma epistemológico da modernidade, ansiamos pelo modelo emergente que privilegia o subjetivo, as diferenças, a diversidade, que considera o entorno do sujeito e do objeto e que requer novos olhares e reflexões acerca dos contextos, de como nos inserimos neles e das funções que somos requisitados a desempenhar.

Na nova concepção paradigmática não há lugar para a alienação e sujeição, mas sim para a autonomia, para a autoria, para a criticidade, para a criatividade, onde o sujeito precisa posicionar-se, envolver-se, comprometer-se. No paradigma emergente, tudo está interligado, nada ocorre de maneira isolada, o meu sucesso depende do sucesso do outro e vice-versa, a vida é partilhada e compartilhada, conceitos como: contexto, vida, autonomia,

emancipação são ressignificados e atingem outra dimensão, mais harmônica, aberta, congruente, ecológica e colaborativa.

Moraes (2003), com base no modelo epistemológico emergente, considera que as novas estratégias e metodologias do campo educacional devam estar voltadas para atender as necessidades do mundo atual, com vistas em um pensamento inter e transdisciplinar, que compreende o que antes era contraditório, agora, como complementar.

Aponta que a mediação pedagógica precisa propiciar processos de ensino e de aprendizagem que tem como característica principal a interatividade que se dá num processo relacional, dialético e compartilhado. Assim, é preciso levar sempre em consideração o contexto e os sujeitos deste contexto. Nesta perspectiva, Moraes (2003) compreende que as metodologias a serem desenvolvidas no paradigma emergente pressupõem a presença de um sujeito ativo; intercâmbios interindividuais; o reconhecimento da importância do contexto; o aprendiz como pesquisador; a compreensão da mudança como condição intrínseca a qualquer processo de formação e aprendizagem; o papel das emoções no desenvolvimento de ações e reflexões; a valorização da linguagem emocional nos ambientes de aprendizagem; a educação como processo de transformação na convivência; a possibilidade de incorporação de incertezas; a integração teoria e prática; a valorização da descoberta do caminho e o reconhecimento do papel relevante do contexto.

Ainda, segundo Moraes (2003), ao adotarmos um novo paradigma, freqüentemente esbarramos na questão da formação docente e há de considerar-se que a prática do professor é sempre perpassada por mais de um paradigma, o que dificulta, para os que se encontram neste momento de transição, a transformação das suas práticas, pois ainda estamos seriamente implicados no passado, uma vez que “fomos educados para não inovar, para não discordar dos mais velhos, para repetir o conhecido, para não incomodar e não transformar” (p, 193).

Para a autora o que está na base do processo da mudança é acreditar que é possível ser diferente, é ter esperança. Então, parafraseando Maturana (2003), que a emoção mova a razão e desenvolva o processo.

Neste sentido, concordamos com Moraes (2003) que define mediação pedagógica como

“(…) um processo comunicacional, conversacional, de co-construção de significados, cujo objetivo é abrir e facilitar o diálogo e desenvolver a negociação significativa de processos e conteúdos a serem trabalhados nos ambientes educacionais, bem como incentivar a construção de um saber relacional, contextual, gerado na interação professor/aluno” (p.210).

Assim, a importância da mediação pedagógica localiza-se na qualidade da interação que acontece entre os sujeitos envolvidos no processo educativo, é importante que ambos estejam comprometidos no processo, uma vez que “só o aluno pode fazer aquilo que produz conhecimento, e o professor só pode fazer alguma coisa para que o aluno o faça” (CHARLOT, 2006 p.15).

A mediação de qualidade provoca a reflexão, a auto-reflexão, a tomada de consciência, a metacognição e para atingi-la é importante lançar mão de uma didática adequada, que propicie manter o fluxo das conversações e que mantenha o professor numa postura aberta, facilitadora, diferente da postura do professor que encara seu papel com onipotência e, não raro, prepotência. O docente facilitador percorre o trajeto junto com o educando, transforma-se com ele, de forma que seja possível a ambos gerar sentidos ao longo do caminho, revê suas práticas constantemente, autotransforma-se e como nos lembra Shor (2006), “os estudantes não são uma frota de barcos tentando alcançar o professor que já terminou e os espera na praia. O professor é também um dos barcos da frota” (p.66).

A aprendizagem na EaD exige que o aluno se posicione, envie suas impressões, contribua com suas idéias e, neste processo, forma-se uma rede de interações.

De acordo com Palloff e Pratt (2002) o aluno bem sucedido na EaD possui algumas características em comum como a disciplina, motivação, expectativa maior, a busca por novas formas de aprender, atitude mais séria em relação ao processo formativo. Para os autores “O aluno virtual é aquele que sabe como trabalhar, e de fato trabalha, em conjunto com seus colegas para atingir seus objetivos de aprendizagem e os objetivos estabelecidos pelo curso” (2004, p.27).

É fundamental que a EaD represente mais que uma novidade no campo da educação, ela precisa se constituir enquanto uma inovação, até em função da necessidade de repensar práticas e processos de mediação

pedagógica a partir do uso de diferentes TDs, o que acrescenta novos elementos e possibilidades à ação e a interação dos sujeitos que dela participam. No entanto, para que isso seja possível se faz mister o rompimento do velho paradigma, de forma que essa nova modalidade educacional não sirva apenas como um aparato que pode facilmente continuar servindo a ele, perpetuando a ideologia dominante e atendendo a um currículo pré-estabelecido, as práticas fundamentadas na reprodução, na repetição de um modelo que não dá mais conta dos desafios que os docentes enfrentam ao entrar numa “sala de aula”, em que “nativos digitaisⁱ”, a “Geração Homo Zappiensⁱⁱ”, os esperam.

“Usar uma nova tecnologia não garante inovação, a inovação está na forma criativa de utilizá-la, na forma como aproveitamos todas as possibilidades para os processos de ensino e de aprendizagem, de outra forma, podemos estar simplesmente falando de uma novidade e não de uma inovação” (SCHLEMMER, 2008 p.11).

Paloff e Pratt (2002), em seus estudos, tomam o conceito de *aprendizagem transformadora* de Mezirow. Segundo os autores trata-se da aprendizagem que tem suas bases na construção de sentidos. O objetivo é compreender como e porque vemos o que vemos no mundo, como aprendemos, que relações estabelecemos e de onde partimos. Essa aprendizagem propicia uma auto-investigação e os seus resultados são significativamente mais profundos e permanentes. O professor que atua na lógica da *aprendizagem transformadora* deixa o caminho livre, facilita esse processo com as práticas e processos de mediação pedagógica que desenvolve e não tem a pretensão de domínio e controle sobre as construções do aluno. Entretanto, é relevante compreender que um professor que não está disposto a transformar-se dificilmente conseguirá estimular seu aluno a fazê-lo.

Para Oliveira (2008), existem duas abordagens pedagógicas bastante distintas, a conservadora/instrucionista, que parte da transmissão de informação e a emergente/construtivista, que dá ênfase à interação e a construção do conhecimento de maneira colaborativa.

Essa última abordagem possibilita o diálogo entre uma rede de aprendizagem, abarca a riqueza da diversidade e das diferenças que, unidas, produzem e fazem circular informações e conhecimentos. Tal conhecimento é

produto de pesquisa individual e interações com a rede. É assim que a internet e suas possibilidades oportunizam uma nova perspectiva sobre o aprender e o ensinar, na qual, para Azevedo (2005), aprender é

“(...) construir coletivamente conhecimentos a partir do questionamento, problematização, discussão, apresentação de dúvidas e troca de informações no contexto de uma comunidade de aprendizagem colaborativa. Ensinar é propor, orientar e animar a discussão dentro da comunidade. Aprender é envolver-se na troca coletiva comunitária, contribuindo e recebendo, refletindo e pondo em funcionamento uma inteligência coletiva” (p.35).

Desta forma, o aprender se dá de maneira criativa, com movimento e abre espaço para o pensamento autônomo e, o ensinar, por sua vez, instiga as trocas, os processos de construção colaborativa e cooperativa, isso no contexto das TDs, as quais no paradigma emergente, passam a ser meios de efetivar a mediação pedagógica.

5- Considerações Finais

Conforme o exposto, a mediação pedagógica à distância permite a interlocução horizontalizada entre alunos e professores e, de acordo Oliveira (2008), esta forma de relação e interação potencializa significativamente a formação. Contudo, existe a necessidade de articular os avanços tecnológicos aos processos pedagógicos ressignificados, para que não se corra o risco de apenas se substituir as ferramentas de ensino e continuar a manter as velhas práticas. A articulação facilitará, potencializará a mudança para o modelo emergente, o que poderá resultar num processo educativo de qualidade, construído sobre novas bases, do qual se espera por parte do professor que sua prática se transforme em um meio facilitador de comunicação e crescimento mútuo, terra fértil irrigada constantemente pelos processos de interação.

ⁱ “Nativos Digitais são os novos sujeitos da aprendizagem, pessoas nascidas num mundo altamente tecnologicado, em rede, dinâmico, rico em possibilidades de acesso a informação, a comunicação, a interação. Para os “Nativos Digitais” as tecnologias digitais estão sempre presentes, imbricadas nas suas ações, eles vivem e pensam com essas tecnologias. Elas estão na forma como eles se comunicam, se relacionam com os demais sujeitos e com o mundo, fazem parte das experiências construídas no seu viver e conviver” (Schlemmer, 2006. p. 34 e 35)

ⁱⁱ “*Homo zappiens*” é a nova geração que aprendeu a lidar com novas tecnologias, que cresceu usando múltiplos recursos tecnológicos desde a infância. Esses recursos permitiram ter controle sobre o fluxo de informações, mesclar comunidades virtuais e reais, comunicar-se e colaborar em rede, de acordo com

suas necessidades. O *Homo zappiens* é um processador ativo de informação, resolve problemas de maneira muito hábil, usando estratégia de jogo, e sabe se comunicar muito bem. Sua relação com a escola mudou profundamente... o *Homo zappiens* é digital e a escola é analógica.” (Veen & Vrakking, 2009, p. 12)

Referências

- [1] AZEVEDO, W. **A Vanguarda (tecnológica) do atraso (pedagógico): Impressões de um educador on-line a partir do uso de ferramentas de *courseware***. IN: AZEVEDO, W. Muito Além do Jardim da Infância: temas de educação on-line. Rio de Janeiro: Armazém Digital, pp. 35-41.
- [2] BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância**. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2001.
- [3] CHARLOT, Bernard. **A Pesquisa Educacional Entre Conhecimentos, Políticas e Práticas: Especificidades e Desafios de uma Área de Saber**. Revista Brasileira de Educação, v. 11, p.7-18, 2006.
- [4] FAGUNDES, Léa da Cruz. **A Formação de Professores na Licenciatura Presencial e na Licenciatura à Distância: semelhanças e diferenças**. IN: Desafios de Educação à Distância na Formação de Professores. Brasília: Secretaria de Educação à Distância, 2006.
- [5] MORAES, Maria Cândida. **Educar na Biologia do Amor e da Solidariedade**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- [6] MATURANA, Humberto; REZEPKA, Sima Nisis de. **Formação Humana e Capacitação**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- [7] OLIVEIRA, Elza Guimarães. **Aula Virtual e Presencial: são rivais?** IN: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). Aula: Gênese, Dimensões, Princípios e Práticas. Campinas: Papyrus, 2008.
- [8] PALLOFF, Rena M.; PRATT, Keith. **Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço: estratégias eficientes para sala de aula on-line**. São Paulo: Artmed, 2002.
- [9] SCHELEMMER, Eliane. **O Trabalho do Professor e as Novas Tecnologias**. IN: Revista Textual do Sinpro, set 2006.
- [10] _____; BACKES, Luciana. **Metaversos: novos espaços para a construção do conhecimento**. Revista Diálogo Educacional (PUCPR), v. 8, p. 519-532, 2008.
- [11] SHOR, Ira; FREIRE, Paulo. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. 11 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- [12] SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Um Discurso Sobre as Ciências**. 2 ed. São Paulo, SP: Cortez, 2004.
- [13] VALENTE, José A. **Educação a Distância: uma oportunidade para a mudança no ensino**. In: MAIA, Carmem (org.). ead.br: Educação a Distância no Brasil na era da Internet. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2000.
- [14] VEEN, Wim; Vrakking, Bem. **Homo Zapiens: educando na era digital**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- [15] XAVIER, Regina Trilho Otero. **Conhecimento-Solidariedade em Ações Pedagógicas na Modalidade de EAD**. Proposta de Tese – UFRGS-RS, 2007.